

OS SENTIDOS DO TRABALHO NAS VOZES DE TRABALHADORES-ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EJA¹

The meanings of work in the voices of workers/students of the youth and adult education – EJA

PEREIRA, Darc Lene Braga²

CASTRO, Mad Ana Desiree Ribeiro de³

RESUMO

Este artigo tem por objetivo compreender os sentidos atribuídos ao trabalho pelos trabalhadores-estudantes (TEs) da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Por meio de uma pesquisa qualitativa, realizamos uma entrevista semiestruturada com sete trabalhadores-estudantes matriculados no 1º e 2º segmentos da EJA em uma escola pública de Santa Maria – DF. A partir da proposta dos núcleos de significação formulada por Aguiar, Soares e Machado (2015) e Aguiar e Ozella (2013), foram construídos, a partir dos relatos dos participantes, quatro núcleos de significação. A síntese de nossa análise possibilitou-nos inferir: i. que a construção de sentidos é mediada pela centralidade do trabalho nas formas de viver e sobreviver, ii. Os sujeitos da EJA carregam marcas sociais relevantes nos processos de subjetivação do ser trabalhador(a) em conformidade com as significações sociais valoradas a partir da sociabilidade capitalista, iii. emergiram sentidos que os formam a partir das experiências sociais e saberes apreendidos no trabalho, configurando as formas de existir e resistir no mundo.

Palavras-chave: Educação. EJA. Sentidos do trabalho. Trabalho.

ABSTRACT

This article aims to understand the meanings attributed to work by the workers/students (TEs) of Youth and Adult Education (EJA). Through qualitative research, we conducted a semi-structured interview with seven workers/students enrolled in the 1st and 2nd segments of EJA in a public school in Santa Maria – DF. Based on the proposal of the meaning cores formulated by Aguiar, Soares and Machado (2015), and Aguiar and Ozella (2013), four meaning cores were constructed from the participants' reports. The synthesis of our analysis allowed us to infer: i. That the construction of meanings is mediated by the centrality of work in the ways of living and surviving, ii. The subjects of EJA carry relevant social marks in the processes of subjectivation

1 Este trabalho é fruto do projeto de pesquisa “Os sentidos atribuídos ao trabalho pelos trabalhadores-estudantes da Educação de Jovens e Adultos – EJA”, apresentado no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT, do Instituto Federal do Goiás, campus Anápolis, em 2022. A pesquisa não contou com financiamento sendo aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa por meio do parecer nº5.353.692.

2 Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal do Goiás. Docente da SEEDF. Integrante do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Educação e Formação de Trabalhadores (NUPEEFT) - Campus Goiânia/IFG. <http://lattes.cnpq.br/6682626363815473>.

3 Doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Campus Goiânia. Integrante do Núcleo de Pesquisas e Estudos em Educação e Formação de Trabalhadores (NUPEEFT) - Campus Goiânia/IFG. <http://lattes.cnpq.br/7690161558708230>.

of the worker-being in accordance with the social meanings valued from capitalist sociability, iii. Meanings that form them from the social experiences and knowledge learned at work emerged, configuring the ways of existing and resisting in the world.

Keywords: Education. EJA. Meanings of work. Work.

INTRODUÇÃO

Miguel Arroyo, ao tratar da Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos convida a refletir sobre quem são os jovens e adultos que demandam essa modalidade de formação, destacando que “a reconfiguração da Educação de Jovens e Adultos não pode começar por perguntar-nos pelo seu lugar no sistema de educação e menos pelo seu lugar nas modalidades de ensino. [...] O ponto de partida deverá ser perguntar-nos quem são esses jovens e adultos (ARROYO, 2007, p. 22). Considerando Arroyo, compreendemos que qualquer debate que envolva essa modalidade de ensino deva partir daqueles(as) que dão sentido e fundamentam essa importante política de inclusão social.

Ao pensarmos os sujeitos da EJA, é necessário, no entanto, compreender um conjunto de determinações que incidem na forma como vivem, produzem e criam o mundo. Nesse sentido, o olhar dado aos diversos coletivos que demandam a EJA busca romper com a própria lógica histórica de estruturação dessa modalidade, que teve sua configuração atrelada a um conjunto de ações que, isoladas e/ou em conjunto, buscavam formas de minorar os efeitos de uma estrutura social e econômica assentada sobre base escravocrata.

O percurso histórico da EJA se desenvolveu à esteira do capitalismo industrial, que passou a fazer novas exigências à educação. A formação mínima para a inclusão de trabalhadores em um núcleo básico de produção foi uma das exigências do processo produtivo. No curso desse desenvolvimento, a educação voltada para os grupos populares oportunizou, ao longo da história, diversos modelos de acesso ao saber formal, alicerçados em políticas emergenciais, campanhas de alfabetização, formas aligeiradas de escolarização, bem como programas focalizados visando à correção de fluxo escolar e de compensação.

O caminhar controverso da EJA seguiu, ao longo do desenvolvimento produtivo, buscando inserir os grupos sociais mais subalternizados sem, no entanto, criar condições concretas de transformação e elevação da escolaridade desses coletivos populares. Ventura (2017) nos ajuda a compreender como foram traçadas as estratégias do governo para a elevação da escolaridade das camadas populares. A autora ressalta a baixa efetividade das ações do governo no alcance dos coletivos populares, apontando seu caráter focal e pautado em campanhas e ações emergenciais, aspecto que acompanha a EJA desde a sua conformação:

Pode-se afirmar que, com diferenças de intensidade, variações e formatos, convivemos com a lógica das campanhas desde a década de 1940 aos dias atuais. Como a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos – CEAA (1947), a Campanha Nacional de Educação Rural – CNEA (1952), o Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral (1971), o Programa Alfabetização Solidária – PAS (1996) e, também, o Programa Brasil Alfabetizado – BA (2003) (VENTURA, 2017, p. 25).

No contexto atual, a perspectiva da qualificação para o trabalho segue inseparável das ações pensadas nas diretrizes da EJA. Sob a bandeira da “inclusão social”, as diversas ações que aliavam educação e estímulo ao trabalho poderiam ser traduzidas nas diferentes injunções sobre o mundo do trabalho, que busca acomodar uma classe trabalhadora que desenvolve suas atividades cada vez mais de forma fragmentada, informal e heterogênea.

As diferenciadas ofertas de educação, traduzidas nos vários níveis de certificação, evidenciam que o olhar dado aos sujeitos da EJA segue mantendo o caráter dual da educação brasileira, pois sua conformação qualitativa mantém a diferença entre os percursos da classe trabalhadora e os das classes dominantes.

Rummert, Algebaile e Ventura (2013, p. 723) esclarecem que o elemento novo nas novas ofertas educativas se constitui em “possibilidades de acesso a diferentes níveis de certificação, falsamente apresentados como portadores de qualidade social igual à das certificações às quais têm acesso as burguesias”.

No entanto, nesse discurso de inclusão, “obscurece-se assim, cada vez mais, o fato de que não há, efetivamente, ações destinadas à elevação igualitária do nível educacional da classe trabalhadora em sua totalidade” (RUMMERT; ALGEBAIL; VENTURA, 2013, p. 723).

Tendo em vista a presente discussão, fomos instigados a refletir sobre o contexto da Educação de Jovens, Adultos e Idosos e sua relação com o trabalho e seus trabalhadores na configuração atual do capital. Na formulação deste estudo, nosso problema instigador se direcionou para os trabalhadores-estudantes (TEs) da EJA e, assim como Arroyo (2007), partimos desses sujeitos. Nesse sentido, nossa pesquisa se moveu pela seguinte indagação: como os trabalhadores-estudantes da EJA atribuíam sentidos aos seus trabalhos.

Trazer a forma como um grupo de trabalhadores-estudantes atribui sentido aos seus trabalhos foi uma forma de trazer para a pesquisa científica o olhar de diferentes coletivos que historicamente foram ocultados da EJA enquanto trabalhadores que se formam/deformam a partir da produção da vida concreta.

Mais uma vez, nos ancoramos em Arroyo ao pontuar que “[...] ocultar as classes fez e faz parte da luta de classes em que as políticas públicas e até as Diretrizes Curriculares enredam-se” (ARROYO, 2017, p. 24). Um aspecto a ser direta e exaustivamente questionado é como as trajetórias do viver e sobreviver dos coletivos da EJA foram e são desconsideradas nas políticas públicas de educação.

Destarte, a discussão a respeito dos sentidos atribuídos ao trabalho pelos sujeitos da EJA objetiva compreender e ampliar o debate em torno de uma educação de jovens, adultos e idosos que parta desses coletivos, suas vivências e a forma como criam, constroem e resistem no mundo. Isso posto, o trabalho aqui apresentado teve como objetivo compreender os sentidos atribuídos ao trabalho pelos trabalhadores-estudantes da Educação de Jovens e Adultos.

MÉTODO

Para compreensão do nosso objeto de estudo, a partir de uma pesquisa de campo, analisaram-se os relatos de sete trabalhadores-estudantes matriculados em uma escola pública do Distrito Federal, durante os meses de janeiro a junho de 2021.

No processo de produção do conhecimento, o nosso olhar sobre o fenômeno foi guiado pelo marco de uma concepção materialista e dialética da realidade. Assim, nossas análises interpretativas “são feitas a partir do lugar sócio-histórico no qual se situa e dependem das relações intersubjetivas que estabelece com os seus sujeitos” (FREITAS, 2002, p. 29). Nessa relação dialógica entre pesquisadora e pesquisados, acreditamos que as falas dos trabalhadores-estudantes da EJA são construções históricas imbuídas de sentidos gerados nas práticas sociais de produção da vida.

Os sujeitos da pesquisa foram constituídos por trabalhadores-estudantes do 1º e 2º segmentos da Educação de Jovens e Adultos matriculados no segundo semestre de 2020 e primeiro semestre de 2021. Os critérios de inclusão na pesquisa obedeceram aos seguintes condicionantes: estudantes maiores de 18 anos e que exercessem qualquer atividade laboral remunerada, formal ou informalmente.

Após a aplicação de um questionário socioeconômico, por meio do *Google Forms*, a todos os trabalhadores-estudantes dispostos a participar, aplicamos os critérios de inclusão na pesquisa. Após a validação de 11 questionários, a segunda etapa da pesquisa ocorreu por meio de uma entrevista semiestruturada, realizada via *Meet*, com a participação de sete trabalhadores-estudantes da EJA.

A entrevista seguiu um roteiro previamente elaborado em torno de três eixos temáticos. Buscamos apreender das falas dos sujeitos da EJA as funções e papéis que desempenham no mundo do trabalho, suas trajetórias de trabalho e estudo e seus impactos na formação escolar. Na metodologia de análise qualitativa das entrevistas, recorreremos à proposta de núcleos de significação, realizada conforme Aguiar e Ozella (2013) e Aguiar, Soares e Machado (2015), a partir da sistematização de pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação.

Os núcleos de significação expressam o momento de síntese de nossa pesquisa. Eles contemplam todo o processo que começou com as leituras flutuantes das transcrições verbais dos relatos e que deram origem aos pré-indicadores. Estes se constituíram a partir de palavras ou expressões frequentes e/ou importantes para os sujeitos da pesquisa em diálogo com os objetivos propostos para o nosso estudo.

Em seguida, sobreveio a fase de aglutinação do material e, finalmente, o estabelecimento dos núcleos de significação, com o tratamento dos resultados e sua interpretação, tendo por conclusão, no processo de síntese das falas, a formação de quatro núcleos de significação, assim denominados: O viver e sobreviver: marcas do trabalho nos percursos de vida dos trabalhadores-estudantes da EJA; Modos de ser do(a) trabalhador(a) da EJA; Percursos entre trabalho e escola – marcas sociais dos sujeitos da EJA e Trabalhadores-estudantes e seus saberes do trabalho como premissa para uma formação humana e emancipadora.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Os resultados desta análise provêm das respostas contidas nos quatro núcleos de significação como síntese da construção do conhecimento nesta pesquisa. Selecionamos trechos representativos dos sentidos atribuídos ao trabalho pelos sujeitos de nossa pesquisa a partir dos núcleos de significação supracitados.

No primeiro núcleo de significação – o viver e sobreviver: marcas do trabalho nos percursos de vida dos trabalhadores-estudantes da EJA –, são atribuídos sentidos

pelos TEs a partir da concepção, motivações e funções desempenhadas em suas atividades. Também é explicitada a forma como constroem representações sobre o trabalho e como se enxergam trabalhadores.

Das transcrições, emergem sentidos que situam os sujeitos da EJA dentro de uma estrutura específica de produção da vida, historicamente situada, pelo modo de produção capitalista. Ao atribuírem sentidos ao trabalho, os TEs⁴ fazem emergir de suas falas atribuições sobre o trabalho a partir de suas experiências e contextos de vida, nos quais o trabalho é central e se concretiza como meio para suprir necessidades orgânicas, conforme apresentado em trechos de respostas do TE 02, TE 03, TE 06:

[...] trabalho é uma forma de sobrevivência para a gente ter um reconhecimento a mais e sabedoria, que a gente lida com vários tipos de pessoas, então para mim, é uma forma de sobrevivência. (Trabalhador-estudante 02, entrevista em 21/05/2021).⁵

Trabalho hoje, no mundo que a gente vivemos, é a forma de a gente se sustentar, o trabalho, para mim, eu vejo como uma forma de me sustentar e sustentar a minha família, por esse motivo eu preciso trabalhar [...]. (Trabalhador-estudante 03, entrevista em 23/05/2021.)

[...] na minha visão, trabalho é dignidade, é dignidade para você ter uma vida melhor, para você poder estar pagando as suas contas em dia, muitas vezes você deseja ter um carro melhor, uma casa melhor, [...]. (Trabalhador-estudante 06, entrevista em 02/06/2021.)

A forma como os sentidos são construídos pelos TEs revela os motivos pelos quais os sujeitos da EJA agem no mundo. Os sentidos, como parte integrante do conteúdo da consciência do sujeito, são formados na relação com sua atividade. O trabalho, como forma de sobrevivência imediata, apresentado como uma necessidade imposta, como forma de sustento, como meio de vida, deve ser analisado à luz dos percursos de vida dos entrevistados.

Nos relatos que seguem, o trabalho como necessidade orgânica do viver também revela os motivos que mobilizam os TEs a agir no mundo. Os motivos que impulsionam os sujeitos da EJA ao trabalho se apresentaram no sustento de suas famílias, no compromisso com contas a pagar, na possibilidade de autonomia, na satisfação da realização de um trabalho e no medo de adoecimento, assim expressos:

Primeiro porque eu preciso, né, sustentar a minha família, [...] eu acho que pessoa que não trabalha não se sente eu acho que feliz, não se sente útil [...]. (Trabalhadora-estudante 01, entrevista em 19/05/2021)

[...] um dos maiores motivos que me faz sair todos os dias para trabalhar é porque eu tenho uma família que depende desse trabalho para ser sustentada por mim. (Trabalhador-estudante 03, entrevista em: 23/05/2021)

[...] tem muitas amigas minhas que elas estavam trabalhando, né, aí parou de trabalhar, aí percebi assim que elas, tipo assim, se acomodaram e acabou que a maioria ficou doente, aí eu vejo assim, hoje eu peço muito a Deus todo o dia saúde para trabalhar, eu morro de medo de parar de trabalhar e sei lá adoecer [...]. (Trabalhadora-estudante 07, entrevista em: 09/06/2021)

4 Ao situarmos os estudantes da EJA como “trabalhadores-estudantes” nos referendamos nos pressupostos de Arroyo em seu livro *Passageiros da noite: do trabalho para a EJA*. Arroyo delimita a EJA como um tempo de educação de trabalhadores. Dessa forma, o autor opta pelo seu referente mais forte: “serem trabalhadores”. Entendendo que essa condição vem primeiro e desde cedo nos percursos de vida desses coletivos sociais (2007, p. 43).

5 Esclarecemos que as transcrições seguem as falas como explicitadas na entrevista, não havendo adequações ou modificações de correção textual, ao longo dessa análise.

Do conjunto das falas, as necessidades básicas de reprodução da vida aparecem como motivadoras do trabalho. Leontiev (2021, p. 108) explica que o homem e a mulher, ao articular uma necessidade ao objeto de sua ação, agem por meio do motivo que o(a) impulsiona a buscar a satisfação de dada necessidade. Por isso, o motivo é o que move a ação do sujeito e está relacionado a uma necessidade que se quer satisfazer.

No modo de produção capitalista, há uma ruptura entre o motivo, o que move o sujeito, e a finalidade de sua ação. Leontiev (2021), a partir dos pressupostos de Marx, explica que o modo de produção capitalista produziu, historicamente, uma forma de consciência que pode ser traduzida na ruptura entre sentido e significado, conformando uma consciência alienada na estrutura da atividade.

Ao serem considerados os motivos na construção de sentidos, nos relatos, a relação preponderante do sujeito com o campo de trabalho é mediada pela necessidade de inclusão na organização das relações de troca. O trabalho possibilita o pagamento de contas e autonomia para pertencer a essa forma de sociabilidade, aspecto presente em uma das falas, na qual o sentido da autonomia é preponderante naquilo que o motiva ao trabalho.

Dos trechos transcritos, há também outros sentidos que destoam das respostas apresentadas. Para a TE 07, há um valor dado ao trabalho construído na relação trabalho e adoecimento. Essa questão pode ser traduzida pela própria dinâmica do sistema, que molda uma concepção de sociedade em que todos devem ser produtivos, dinâmicos, para serem inclusos tanto nas diversas formas de consumo, quanto nos valores sociais de representatividade.

Do conjunto dos relatos, também podemos apreender o contexto social e os percursos de vida dos sujeitos da EJA. O sentido do trabalho tomado como sobrevivência e/ou como resposta às necessidades básicas vincula-se às significações fixadas socialmente dentro de um padrão de sociabilidade que conforma e estrutura as relações sociais a partir da divisão social e de gênero e da propriedade privada.

A emergência da sobrevivência é uma marca sólida na forma como os TEs (re) significaram o trabalho e evidencia que as significações de sentidos foram erigidas desde as primeiras experiências de trabalho, ainda na infância.

Não, antes, com sete; eu era escrava na casa da minha tia, fazia de tudo. (Trabalhadora-estudante 01, entrevista em 19/05/2021) [...]

Eu estava com oito anos quando eu comecei na faculdade. Eu trabalhava como ambulante vendendo balinha na porta de uma faculdade, e aí como eu precisava trabalhar eu terminei me afastando da escola, porque lá também era muito puxado o horário [...]. (Trabalhador-estudante 02, entrevista em: 21/05/2021)

Eu não lembro quantos anos eu tinha. Quatorze anos, por aí. Eu já trabalhava na roça. (Trabalhador-estudante 05, entrevista em: 30/05/2021)

Eu comecei a trabalhar com sete anos de idade. Eu ia para a roça ajudar meu pai. (Trabalhador-estudante 06, entrevista em: 02/06/2021)

O trabalho imposto desde cedo é atribuído pela necessidade de auxílio no sustento de suas famílias, mas também desnuda outros sentidos e/ou mesmo a negação de tantos outros. O viver provisório carrega consigo a instabilidade de tempos de vida. Se o trabalho é sobrevivência diária desde a infância, o presente sobressai em relação ao futuro. Nesse sentido, a escola, que historicamente se apresenta como a garantia do emprego futuro, não encontra lugar concreto na vida dos sujeitos da EJA.

O sujeito da EJA, desde muito cedo, vende sua força de trabalho como extensão da relação familiar, obliterando o conteúdo de sua atividade inicial, tornando o trabalho algo externo e estranho ao indivíduo. No campo produtivo, esses trabalhadores cumprem uma função determinante para a produção e reprodução do capital, vendem sua força de trabalho, como única mercadoria possível, nas diversas esferas da produção, reproduzindo e garantindo a permanência desse modelo de sociabilidade erguido no valor-trabalho como mercadoria e assentado em uma organização produtiva que “preserva, recompõe ou recria relações de produção diferentes, anteriores, diversas, dando continuidade à produção de mais-valia” (IANNI, 1988, p. 29).

Como último conjunto de indicadores de sentidos que compõem esse núcleo, sistematizamos as representações sobre o trabalho e sobre o trabalhador explicitadas durante a entrevista. Os indicadores de sentido sobre as significações sociais do trabalho são valorados a partir do caráter utilitário, do sentimento de felicidade, do sentido de respeito que pode ser traduzido na relação trabalhador e não trabalhador presente nos relatos.

O trabalho na minha vida ele impôs até respeito, eu comecei a trabalhar novo e os pais eram muito rígidos, entendeu, então o homem que eu sou hoje, eu tento andar certo que ninguém é perfeito, mas foi por conta do trabalho desde novinho que eu tenho foco em trabalhar, desde criança que eu trabalho [...]. (Trabalhador-estudante 06, entrevista em: 02/06/2021)

O que é ser um trabalhador... Uma pessoa correta, o que é ser trabalhador uma pessoa correta, aquela pessoa que quer trabalhar para poder estar andando ali, que tem muita gente desempregado que às vezes você leva nome de vagabundo, não quer trabalhar. (Trabalhador-estudante 06, entrevista em: 02/06/2021)

As significações que concebiam um trabalhador como cumpridor de funções e obediente foram amplamente construídas na subjetividade dos sujeitos sociais. Dentro dessa lógica, também coexistia o oposto, o preguiçoso, o desvalido, o comumente denominado vagabundo, não apto para o trabalho. Tais significações permeiam as formas de ajustamento social que mascaram as relações de exploração ao longo de nossa história e culpabilizam o indivíduo por sua condição social e econômica.

Goettert (2002, p. 102), no artigo “Aos ‘vadios’, o trabalho: considerações em torno de representações sobre o trabalho e a vadiagem no Brasil”, traz valorosas contribuições sobre como “no Brasil, durante os últimos 500 anos, foram construídas representações de trabalhadores e vadios. Representações que atenderam a interesses e projetos das elites econômicas, desde a substituição do índio pelo negro, do escravo e do nacional pelo imigrante e, hoje, do ‘incômodo’ desnecessário econômico”, aqui entendido pelos invisíveis sociais que vivem nas ruas de diversas cidades do país.

Os sentidos atribuídos pelos TEs a partir das significações sobre o trabalho apresentam também um caráter disciplinador. As formas de disciplinamento sobre os trabalhadores, a partir da reprodução das significações sociais sobre o trabalho, não se expandem apenas nos espaços laborais. Sobre os TEs da EJA, elas são apropriadas ainda no ciclo familiar, pois é em seu âmbito que as primeiras experiências de trabalho ocorrem.

Ao aglutinarmos os indicadores de sentidos que compõem esse primeiro núcleo a partir dos sentidos do viver e sobreviver dos TEs da EJA, o modo como produzem suas vidas e a urgência do sobreviver apresentaram-se na construção de sentidos atribuídos ao trabalho para esse segmento social.

A atividade de trabalho não é uma escolha profissional, mas uma imposição precoce. Nesse sentido, as necessidades e os motivos que dão sentido se concretizam não no conteúdo dos trabalhos desses coletivos, mas a finalidade de suas ações é orientada pelo crivo da sobrevivência.

O SEGUNDO NÚCLEO – MODOS DE SER DO(A) TRABALHADOR(A) DA EJA

No segundo núcleo, buscamos apreender a maneira como os sujeitos se identificam com seus trabalhos, as dificuldades sentidas e/ou as condições vivenciadas no dia a dia de suas atribuições. Além disso, os sujeitos da pesquisa atribuem sentidos à concepção do ser trabalhador(a). Das proposições temáticas, podemos identificar as formas de ser do sujeito da EJA na organização do trabalho no modo de produção capitalista. Consideramos os trechos selecionados os mais representativos em nossa análise:

Olha só, essa minha identificação com um trabalho, eu me identifico por que, porque quando você faz algo que você gosta, você acaba se identificando, eu virei diarista, tipo assim, não tipo, não era o que eu queria da vida, não era, mas sim pelo objetivo de ter algo que tenho hoje, e que meus outros trabalhos não permitia, que eu trabalhei de recepcionista, passei um tempo trabalhando em feiras, mas eles não me deram autonomia, então eu me identifiquei com o meu trabalho que eu tenho hoje, eu cuido de duas pessoas idosas, que lá eu faço tudo, entendeu, e que acima de tudo ainda me deu muitas coisas. (Trabalhadora-estudante 04, entrevista em: 23/05/2021)

Eu me identifico sim, no meu trabalho, me identifico com tudo, com as pessoas, com as crianças, entendeu, com diretor, com monitor, com professor, me identifico com todos eles, eu não sou uma pessoa difícil, mas também não sou uma pessoa fácil, se não tiver amizade comigo, só se me gritar, não grita comigo não. (Trabalhador-estudante 06, entrevista em: 02/06/2021)

No relato da TE 04, a identificação com o trabalho veio como resposta à possibilidade de autonomia financeira. Foi o trabalho de diarista, como escolha profissional não tão livre, mas uma escolha que lhe possibilitou ter condições concretas de sobrevivência. A autonomia financeira encerra um importante sentido na identificação da trabalhadora com sua atividade laboral.

Para o TE 06, a atribuição de sentidos que evidencia a identificação com a atividade laboral é subjetivada a partir das relações sociais e afetivas que mantém no trabalho. O bom relacionamento com o grupo de trabalho e/ou agentes sociais que transitam nesse ambiente aparece como identificação com o trabalho desempenhado. É importante perceber que, em sua fala, a dimensão da atividade prática não é mencionada e a atribuição de sentido se expressa pelas relações sociais construídas.

É pertinente ressaltar que, ao abstrairmos das falas a construção de sentidos a partir da prevalência desses aspectos, não estamos afirmando que, na ação prática das atividades dos TEs, não haja um saber do trabalho compartilhado como significação social de suas atividades laborais e que são transmitidas e apropriadas pelos sujeitos da EJA. Mesmo em funções simplificadas e de execução, há um saber presente em suas atividades, isto é, “há atos de intencionalidades para dar sentido ao fazer” (BARATO, 2008, p. 5).

Entendemos que as significações construídas sobre os trabalhos simplificados e manuais, historicamente, na lógica do sistema capitalista, são transmitidas como trabalho que não requer um saber intelectual e há uma negação do valor desses

trabalhos. Na reprodução ideológica desses valores, que inclusive se reitera na dualidade que estrutura uma formação propedêutica e uma formação tácita, há uma relação de poder que contribui para alienar o trabalhador do conteúdo do seu trabalho e desqualificar suas funções, aspecto que contribui para a precarização e exploração de suas atividades.

Isso posto, outro aspecto presente nesse núcleo é a disponibilidade para o labor que acompanha esses sujeitos. Seus percursos de vida foram permeados pelas mais diversas formas de apropriação da força de trabalho. Esse panorama nos leva a refletir sobre as condições de trabalho ou dificuldades no âmbito de suas atribuições laborais transcritas nas entrevistas.

Ao tecerem considerações sobre as condições e dificuldades encontradas no desempenho de suas funções, os TEs elaboram sentidos que mascaram a dureza de seus trabalhos, assim expostos:

As principais dificuldades que eu encontro são muito trânsito, hoje em dia, hoje em dia pelo fato também de eu estar dirigindo um carro mais antigo, então, porque também às vezes termina dificultando porque às vezes acontece alguma coisa, pode quebrar alguma coisa, entendeu [...]. Tem cliente que também é, assim às vezes a gente conversando com o cliente aí acontece alguma coisa tipo, o carro quebra, e aí o cliente não gosta porque às vezes a compra dele demorou de chegar, às vezes tem muita entrega, e aí o cliente quando recebe a gente vem aí às vezes coloca a culpa em cima da gente, então várias coisinhas que às vezes, né, prejudica a gente. (Trabalhador-estudantes 02, entrevista em: 21/05/2021)

A minha condições de trabalho eu posso te falar que elas são boas, eu estou há quase vinte anos, apesar da gente, nós doméstica não, a gente ter adquirido recentemente os direitos, né, de ter uma carteira assinada, de ter os seus direitos pagos, porque a gente não tinha, eu já tinha antigamente, antes mesmo, foi criado uma conta para mim, e nessa conta foi depositado o meu fundo de garantia que eu não tinha direito, eles fizeram essa conta para mim, então, assim, eu não tenho nada que reclamar, eles são muito bons comigo, eles me incentivam muito, eu voltei para a escola porque eu quero algo melhor, mas o meu serviço eu não tenho nada a reclamar dele, pois dele eu adquiri tudo que eu tenho hoje. (Trabalhadora-estudante 04, entrevista em: 23/05/2021)

O TE 02 é um prestador de serviços de uma empresa que viabiliza a entrega de produtos comercializados nas plataformas digitais de compra de produtos. Nessa estrutura, a individualização e a invisibilização das relações laborais assumem a “aparência de prestação de serviços”. Antunes (2018, p. 135) esclarece que esses trabalhadores compõem o que ele denomina de nova morfologia do trabalho, que inclui os chamados “assalariados de serviços” contratados em diversas formas de trabalho terceirizado, subcontratados e temporários.

Ao descrever as dificuldades presentes em suas atividades, a atribuição de sentidos relaciona-se a uma postura requerida ao trabalhador. As dificuldades que encontra em sua rotina de entrega carrega subjetivadas o que se espera no desempenho de suas funções. Nesse sentido, para o TE02, a busca da eficiência, a pontualidade, a disposição e a responsabilidade evitariam situações que o prejudicam no exercício de suas funções. Assim, na rotina de entregas, são requeridas desse trabalhador competências que envolvem a eficiência, isso se traduz na busca pela pontualidade das entregas, independentemente da quantidade de demandas.

Um importante ponto na relação com o trabalho não aparece diretamente nas falas. O tempo de vida no trabalho e o tempo de vida fora do trabalho. O tempo é sentido como um contraponto em ser eficiente na entrega das mercadorias. O trabalhador

corre contra o tempo a cada entrega, pois é necessário ser pontual, e disso depende a satisfação do cliente e a posterior avaliação do seu desempenho.

No entanto, o tempo não aparece como problema aparente para o sujeito, nesse relato, quando comparado ao tempo de vida fora do trabalho, o tempo de vida no trabalho toma seu tempo de vida para viver, criar, descansar, ser, e essa questão fica clara em outra fala do sujeito, ao mencionar que cumpre uma extensa carga de trabalho e que ele se cobra por isso, trabalhando todos os dias das 10:00 às 21:00.

Na fala da TE 04, a construção de sentidos está centrada de forma mais aparente na ligação afetiva. Ela descreve que possui quatro empregos, e que trabalha todos os dias da semana. Mesmo assim, as condições de trabalho desaparecem em sua subjetivação afetiva com um de seus empregadores. É a partir desse trabalho que a TE da EJA atribui sentidos, considerando boas as condições de suas atividades. O sentido de cordialidade e gratidão apresenta-se nas relações desenvolvidas entre seus patrões e ela.

É oportuno refletir sobre o peso dado à trabalhadora para essa questão. Na fala, há também, contraditoriamente ao sentido de cordialidade e gratidão, um sentido outro, vinculado à importância dos direitos trabalhistas como uma conquista enquanto classe trabalhadora. Esse sentido representa uma conquista de autonomia. A autonomia financeira, representada no reconhecimento e pagamento de seus direitos, é sentida como um ganho positivo e de realização em seu trabalho, no entanto, não podemos nos esquecer que seu trabalho se inscreve dentro de uma sociabilidade que aliena o indivíduo.

Outro fator importante que carrega a fala da trabalhadora está presente no sentido daquilo que ela considera como trabalho. Nesse e em outros momentos, há uma subjetivação construída na qual o trabalho com carteira assinada é o que ela considera como emprego, a representatividade enquanto trabalhadora emerge dessa relação contratual. Consideramos que o vínculo adquirido, os direitos trabalhistas, a segurança e a autonomia, frutos dessa atividade laboral, contribuíram na construção de sentidos, evidenciando a importância dessa atividade em sua vida.

Contraditoriamente, em seu relato, as condições concretas de realização de suas funções foram mascaradas pela dimensão afetiva descrita. Em uma das perguntas, tais condições de trabalho apareceram evidenciando a dura realidade dessa atividade profissional.

O meu trabalho é um trabalho bem duro, bem agitado mesmo, eu entro no meu serviço às oito e saio às cinco, eu trabalho de sábado a domingo, e aí eu te falo que estar trabalhando para mim é realmente bem-estar mesmo, porque eu trabalho muito, e é muito mesmo. [...] trabalhar sem ter praticamente cinco minutos, de cinco a dez minutos para almoçar, levantar e continuar trabalhando de novo até as cinco, pegar mais duas horas de engarrafamento para chegar em casa é bem complicado. (Trabalhadora-estudante 04, entrevista em: 23/05/2021)

Em nossa última pergunta, buscamos compreender como os sujeitos atribuem sentidos sobre as significações sociais construídas sobre a concepção do ser trabalhador(a). Nas transcrições que seguem, podemos abstrair como os valores burgueses do trabalho aparecem na construção de sentidos na concepção sobre o ser trabalhador(a), já que o caráter disciplinador a partir de uma conduta esperada do trabalhador orienta os sentidos produzidos.

O trecho destacado é significativo na compreensão desse núcleo. Para o TE 06, as atribuições de sentidos aparecem na dualidade entre ser trabalhador e não ser trabalhador. Dessa forma, “ser correto”, “andar na linha” e “querer trabalhar” são sentidos preponderantes naquilo que comporta sua percepção sobre o ser trabalhador.

De maneira implícita, sua fala carrega seu oposto, aquele que “não quer trabalhar”, ao mencionar “[...] aquela pessoa que quer trabalhar para poder estar andando ali, que tem muita gente desempregado que às vezes você leva nome de vagabundo, não quer trabalhar”.

É requerido desse sujeito que incorpore uma forma de ser trabalhador, dentro de um conjunto de significações apresentadas que compõem o perfil de um trabalhador aceitável para atender às condições da produção em dado contexto. Assim, é necessário que as significações sejam incorporadas na subjetividade dos indivíduos de maneira a sujeitar corpos e mentes de maneira não conflitiva.

As significações sociais são espriadas de maneira a forjar no imaginário social concepções, valores e atitudes sobre trabalhadores e não trabalhadores. Goettert (2002, p. 101) explicita que foi a partir da diferenciação que foram construídas, no Brasil, representações sobre trabalhadores e não trabalhadores.

Para o autor, as representações sobre os não trabalhadores “refletem o quanto o ideal do trabalho é importante na manutenção do *status quo* dos donos dos meios de produção, dos que comandam o trabalho sem, necessariamente, trabalhar”. Essas representações refletem as dicotomias de um mundo do trabalho que “precisa ser dicotomizado continuamente, como garantia de sua própria reprodução” (p. 103).

O autor segue ressaltando que tais representações, mesmo que cristalizadas no tecido social, são reelaboradas no decurso do desenvolvimento do capital, ao longo de nossa história, constituindo-se em “um dos elementos de suporte da alienação que reina sobre as mulheres e homens do Trabalho (na relação com o Capital). Condição primordial para um certo equilíbrio entre o amor e o ódio ao trabalho pelos trabalhadores” (p. 103).

É pertinente destacar que, do conjunto dos relatos, um outro sentido emergiu das significações. Na construção de sentidos, os indicadores mais presentes englobam o tempo de trabalho em detrimento do tempo de vida. Ao mensurar seu tempo destinado ao trabalho, emergem as condições de exploração e de vida em sua rotina diária.

O que é ser uma trabalhadora? é acordar às cinco da manhã e enfrentar um engarrafamento de quase duas horas para chegar no trabalho, trabalhar sem ter praticamente cinco minutos, de cinco a dez minutos para almoçar, levantar e continuar trabalhando de novo até as cinco, pegar mais duas horas de engarrafamento para chegar em casa é bem complicado. (Trabalhadora-estudante 04)

Nesse último relato, a alienação e suas dinâmicas também ficam evidenciadas, mas há uma tomada de consciência de suas condições de trabalho. Na construção de sentidos, a contradição entre as significações sociais difundidas pelo aparato social do trabalhador produtivo, capaz, colaborador se espraia, mesmo em trabalhos informais, ao ser subjetivada pela TE, perde espaço na singularidade de sua vida pela emergência do sobreviver, e é a partir dessa realidade que ela constrói seus sentidos.

É dentro dessa tensão e das contradições dos processos de produção da vida que, mesmo dentro de um conjunto hegemônico de ideias, valores e práticas enraizadas

em uma perspectiva burguesa, os sujeitos trabalhadores criam e recriam a partir de sentidos próprios lampejos de consciência que emergem das contradições dos movimentos das relações de classes que hierarquizam as esferas sociais e que tornam os indivíduos incompletos de si e de seu trabalho.

Em diálogo com Arroyo (2017, p. 33), afirmamos que o relato transcrito expressa vivências extremas, uma “cartografia do seu viver. Das possibilidades limites do seu viver, de sua humanização”. São esses também os modos de ser que buscamos apreender das falas transcritas.

O TERCEIRO NÚCLEO – PERCURSOS ENTRE TRABALHO E ESCOLA

No núcleo que trata dos percursos entre trabalho e escola, emergiram como síntese de nossa análise as marcas sociais que contribuem para as formas como os sujeitos da EJA agem e pensam a própria realidade. Por meio desse núcleo, foi possível refletir sobre as determinações explicativas que tratam das trajetórias entre trabalho e estudo e os sentidos construídos dessa relação.

Os apontamentos dos TEs sobre seus percursos entre trabalho e estudo carregam em comum aquilo que Arroyo (2017) explica como identidade de trabalhadores. No entanto, a centralidade do trabalho no viver dos coletivos da EJA se fez acompanhada de outras marcas que nos ajudam a compreender os percursos entre trabalho e estudo. A marca do trabalho infantil foi preponderante nos trechos das entrevistas.

Eu trabalhava como ambulante vendendo balinha na porta de uma faculdade, e aí como eu precisava trabalhar eu terminei me afastando da escola [...] (Trabalhador-estudante 02).

O relato em questão pode ser encontrado em centenas de falas de outros estudantes que buscam a Educação de Jovens e Adultos. A centralidade do trabalho é uma imposição do sobreviver desde muito cedo. A segunda marca se expressa pela questão de gênero, a partir do relato da TE 07:

eu estudei que foi a sexta série, eu não concluí, aí deixei de mão, aí nessa época eu tinha que trabalhar, tinha que cuidar de casa, tinha que cuidar dos filhos, aí agora como meus filhos já estão tudo grande, a minha filha mais velha tem treze anos [...] vou voltar a estudar, que eu ganho muito mais, aí fui buscar minha transferência lá na Ceilândia. (Trabalhadora-estudante 07)

No relato em questão, é possível apreender as inúmeras determinações que explicam as diversas rupturas do processo escolar. O casamento precoce bem como as obrigações do trabalho laboral e do trabalho doméstico são determinações que explicam o abandono da escola. O trecho mencionado evidencia ainda a temática de gênero a partir da sobrecarga de trabalho que incide nas atribuições de mulheres. O papel, amplamente naturalizado, de subordinação das mulheres em nossa sociedade, impõe-se a partir de responsabilidades domésticas e cuidados com os filhos como atribuição do gênero feminino.

Coutinho e Menandro (2010), em pesquisa focada nas relações conjugais e familiares, abordaram duas gerações de mulheres ressaltando que foi construída uma rede de significações em torno do ser mulher na família,

na qual um dos elementos centrais é o casamento (o que não significa que seja o único ou o mais importante). Há um conhecimento socialmente partilhado sobre o que o

casamento representa, sobre como deve e como não deve ser, que exerce evidente função na dinâmica social. Assim, a condição de ser mulher parece estar ancorada no casamento (COUTINHO; MENANDRO, 2010, p. 91 apud COSTA, 2015, p. 101).

A terceira marca presente nas entrevistas se caracteriza pelo território social ocupado, aqui explicitado:

O colégio era distante, não tinha transporte para a gente ir, às vezes tinha professor [...] dois meses, três meses sem professor, quando professor vinha que ele olhava as condições de trabalho [...] que ele tinha que se deslocar de uma cidade para outra para ir dar aula ele desanimava também, que não tinha transporte para levar o professor. (Trabalhador-estudante 06)

Morar em regiões afastadas da zona urbana significa um viver apartado das instituições públicas. Nas zonas rurais, homens, mulheres e crianças são menos cidadãos, ou seja, com a precariedade no atendimento de políticas públicas fundamentais, por exemplo, o direito à educação.

A ausência do Estado, expressa na fala, mostra como o direito à educação sempre esteve distante de determinados segmentos sociais. “[...] a prefeitura não dava carro, não dava nada, era difícil, o professor ia às vezes uma vez só, duas vezes, não ia mais, ficava até três meses sem ir e aí, ah, estamos arrumando outra pessoa”. Esse distanciamento exposto pela ausência do Estado é um sinal de como foi implementada a educação brasileira.

Os processos descontínuos de escolarização revelam também, a partir das narrativas, a complexidade da aproximação dos trabalhadores em relação à escola, configurando nossa última marca social. As idas e vindas à escola se expressam, em muitos aspectos, pelo distanciamento de alguns sujeitos da pesquisa em relação ao ambiente escolar.

Há pouco espaço para a escola e essa aparece, em muitos trechos, distante para os entrevistados. Entendemos que essa relação distante é caracterizada por um longo período de ausências do espaço escolar determinando o lugar que a escola ocupa nas trajetórias dos sujeitos da EJA. Costa (2015, p. 107) traz uma rica contribuição sobre o lugar e o não lugar da escola na vida das trabalhadoras de diversas confecções de Goiânia-GO. Segundo a autora, “pensar na educação dos trabalhadores é refletir sobre o lugar que a escola ocupou ou não em sua trajetória de vida. É preciso trazer os vários contextos de exclusão, incerteza e descontinuidade que constituiu esse lugar – escola – para os trabalhadores”.

Ao trazermos as marcas sociais advindas dos percursos entre trabalho e estudo, a centralidade do trabalho é preponderante. Se o trabalho foi responsável pelos percursos interrompidos, negados e/ou truncados no processo de escolarização, também o foi no retorno ao mundo escolar. A necessidade de qualificação em decorrência das imposições do mercado foi fator prevalente nos relatos.

Porque muitas vezes você é impedido de entrar num cargo até maior porque não tem estudo, as pessoas sabem muitas coisas, aprendem no dia a dia [...] se eu precisar usar o computador, esse tipo de coisa, eu não vou saber mexer, entendeu? (Trabalhadora-estudante 01)

Ao mesmo tempo, podemos apreender dos percursos entre trabalho e estudo a busca do equilíbrio entre o tempo de trabalho e tempo de estudo aparecendo com um dos desafios encontrados pelos TEs ao buscarem uma formação educacional.

Está sendo difícil, mas eu estou conseguindo trabalho durante o dia e estudo à noite. [...] no meu horário de almoço ou depois da meia noite ou às cinco da manhã antes de ir trabalhar, são os dois horários que eu mais faço as atividades do colégio, entre dez e meia noite e entre cinco e seis da manhã. (Trabalhador-estudante 03)

A escola é enquadrada dentro da possibilidade de tempo desses TEs. Arroyo (2017, p. 45), ao tratar da relação entre tempo e sobrevivência na organização da vida dos TEs, ressalta a necessidade de compreender os sujeitos da EJA na articulação entre “tempos de trabalho-sobrevivência e tempos de escolas”.

A contextualização dos percursos entre trabalho e estudo e as marcas sociais desse processo nos possibilitou compreender como, apesar dessas trajetórias, o trabalho ainda é subjetivado a partir do esforço individual. As contradições das trajetórias de vida dos entrevistados, que explicitamos por meio das marcas dos sujeitos da EJA, são desconsideradas ou aparecem como acomodação.

Considero sim porque cada ser humano tem uma forma diferente, né, então cada um planta o que colhe, né, a pessoa planta para poder colher, então se você planta o bem você vai colher o bem (Trabalhador-estudante 02)

Se a pessoa tiver um estudo bom e fizer curso que ele tem vontade de trabalhar naquela área ele consegue, agora, se não tiver estudo fica mais difícil fazer um curso bom. (Trabalhador-estudante 05)

Os trechos elencados devem ser devidamente compreendidos. O capital não é apenas um sistema econômico. Ele enseja um conjunto de significações que buscam moldar uma sociabilidade voltada para o consumo. Esse aparece como o sentido da vida imediata e a construção dessa concepção passa pelas formas de alienação e estranhamento na relação do trabalhador com sua atividade, consigo e nas relações sociais que constrói no dia a dia.

Nesse sentido, o capital cria e reproduz um discurso que busca naturalizar ou apagar no imaginário social a essência de sua reprodução e desenvolvimento, a divisão social e de gênero do trabalho e a propriedade de classe sem a qual esse sistema não pode se reproduzir.

Essas significações têm impacto direto sobre a nossa sociabilidade, seja na esfera das relações sociais, isolando o indivíduo em si, com o mérito sendo visto como resultado do esforço despendido, sem considerar as reais condições de vida dos TEs da EJA, seja no âmbito da igualdade política, assentada nos valores burgueses, que apresentam um conjunto de direitos ditos naturais e imprescritíveis que não ultrapassam a esfera legal.

QUARTO NÚCLEO – TRABALHADORES-ESTUDANTES E SEUS SABERES DO TRABALHO COMO PREMISA PARA UMA FORMAÇÃO HUMANA E EMANCIPADORA

A sistematização do último núcleo de significação expõe como os sujeitos partícipes da pesquisa constroem sentidos sobre os saberes e/ou experiências do trabalho compartilhados na escola. Ao mesmo tempo, demonstrou-se o quanto os sujeitos da EJA criam e ressignificam suas vidas nas relações de trabalho que desenvolvem.

Assim, na processualidade contraditória do trabalho, os saberes do trabalho aparecem como um importante revelador de sentido e apontam para uma formação

indissociável entre saber tácito e científico, logo que caminhem na perspectiva emancipatória desses coletivos.

Nas experiências de trabalho, os sujeitos da EJA se fazem trabalhadores, são produtores de um saber social que os faz sujeitos históricos construtores de um saber que expressa contraditoriamente uma outra dimensão do trabalho, para além do trabalho alienado, a dimensão formadora humana que lhes permite se colocarem no mundo de forma concreta. Tais aspectos estiveram presentes nas falas de TE 02 e TE 04:

Algumas experiências sim, a gente pode compartilhar, né, porque às vezes você passa por uma situação ali no serviço, você perde um bom serviço, você vai lá e comenta com o teu colega de escola, hoje fez isso, foi bom, foi produtivo, aí quando você passa também por uma dificuldade, ah, hoje teve um empecilho assim, e assim, aí você vai trocando experiências e aí cada um vai aprendendo um pouco com o seu erro, e às vezes você pode até incentivar o seu colega próximo que às vezes não trabalha, trabalhar também. (Trabalhador-estudante 02)

Ah, são muitas, são muitas que eu levo para escola, tipo, em decorrer de aula de matemática eu levo números do meu dia a dia, de quanto que eu gasto nos engarrafamentos para chegar, de quanto que eu gasto para vir, entendeu, e estou apta assim de experiência para levar para o meu colégio [...]. (Trabalhadora-estudante 04)

Ao compartilhar sua rotina a partir de um aprendizado prático no trabalho, esse trabalhador torna vivas suas experiências, dando significado para suas ações. Além disso, as experiências sociais vividas no campo de trabalho são um norteador importante de conhecimento, inclusive para aqueles que não estão trabalhando, pois, como pontuado na transcrição, podem servir de estímulo para jovens e adultos da EJA que estão fora do campo de trabalho, uma vez que poderão aprender por meio das experiências compartilhadas.

No segundo relato, ao relacionar as experiências do próprio viver a um conhecimento científico presente no currículo de Matemática, a TE 04 traz para a sala de aula um saber concreto vivido, dando sentido ao conteúdo ensinado enquanto conhecimento formal. Dessa forma, o saber ganha uma dimensão viva e palpável.

Outro dado importante apreendido nesse núcleo veio dos saberes profissionais, construídos na prática concreta do viver-sobreviver dos coletivos populares da Educação de Jovens e Adultos. Os saberes do trabalho adquiridos no curso de suas atividades se revelam na temática do saber tácito, evidenciando uma importante marca do saber do trabalhador.

O relato que segue, explicitado pelo TE 06, esclarece como na prática de produção da vida concreta emerge um conjunto de saberes profissionais que dão sentido à vida dos trabalhadores, a partir de um conhecimento produzido no trabalho. Esse saber adquirido em outros *loci* de formação carrega um conjunto de conhecimentos que contribuem para a formação e a atribuição de sentidos ao trabalho pelos TEs da EJA.

Se eu pudesse hoje, meu sonho é terminar meus estudos para fazer técnico de segurança do trabalho. [...] Só os estudos que termina porque, porque eu já tenho o conhecimento básico, eu não ia ter estágio, eu quero ter conhecimento na área elétrica, eu ia entrar para a área elétrica, meu sonho é ser técnico de segurança por que na área elétrica, porque eu entrei numa época muito defasada, e eu queria montar algumas normas que eu vi, que quanto eu trabalhava eu sentia necessidade, o que tem aquela regra dentro daquela norma, eles resumiram tudo numa NTC só. (Trabalhador-estudante 06)

O TE 06 atribui sentido ao seu fazer, ele ressignifica de forma concreta a execução de suas atividades. Nesse processo, há elaboração, comparação entre ações e uma

intencionalidade que pressupõe uma finalidade que pretende modificar um princípio científico do trabalho estabelecido em uma norma.

Barato (2008, p. 6), ao tratar da separação entre trabalho manual e trabalho intelectual, esclarece que “ignorar a inteligência do trabalhador manual faz parte de um jogo que desqualifica aqueles cujas funções foram ou são muito simplificadas. Tal ignorância serve para justificar decisões gerenciais supostamente baseadas em domínio do processo produtivo”.

A educação como foco de concretização da formação da mão de obra dos TEs da EJA caminhou sob a batuta das orientações do mercado, destinando a esses trabalhadores uma educação sempre associada à qualificação básica e simplificada. O conjunto dos indicadores suscitados ao longo dessa discussão nos levou a pensar o currículo e a perspectiva de sujeito e trabalho como referência para uma sociabilidade assentada na empregabilidade presente como epistemologia na formação dos coletivos de trabalhadores da EJA.

Tendo como referência Arroyo (2013, p. 102), concordamos que “o ordenamento curricular não representa apenas uma determinada visão do conhecimento, mas representa também e, sobretudo, determinada visão dos alunos”. Dessa maneira, os sentidos que emergiram da sistematização desse núcleo nos instigam a pensar o direito ao conhecimento assentado a partir de uma formação integral que agrega o saber científico, em diálogo com os conhecimentos adquiridos na prática da vida concreta desses sujeitos.

Ademais, a atribuição de sentidos sobre seus trabalhos evidencia a complexidade dessa modalidade de educação. Reduzi-la a um conhecimento utilitário e voltado para a demanda imediata do mercado é reiterar o olhar reducionista, homogeneizador e de disciplinarização da força de trabalho que historicamente é imposto aos coletivos populares da EJA.

Por fim, Arroyo (2017, p. 32) nos instiga com a seguinte pergunta: que significados humanos revelam os itinerários dos TEs da EJA? O esforço de construção desse trabalho buscou trazer algumas respostas a essa indagação, a partir dos sentidos atribuídos ao trabalho pelos sujeitos da EJA, em que buscamos os significados formadores e deformadores que carregam esses TEs em seus percursos de trabalho e estudo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Tendo como referência orientadora responder como os TEs da EJA atribuem sentidos aos seus trabalhos, por meio dos relatos de um grupo de trabalhadores-estudantes do 1º e 2º segmentos da Educação de Jovens e Adultos, foi possível iniciar a reflexão que situa o sujeito da EJA no modo de produção capitalista, meio que constrói, pensa e ressignifica sua realidade a partir da produção da vida material e simbólica.

Dos sentidos atribuídos ao trabalho, emergiram os percursos de vida de TEs, a forma como percebem o mundo, como ressignificam suas vidas, os limites dados pela emergência do viver e sobreviver, como também o lugar que a escola ocupa na relação com o trabalho.

Da construção de sentidos, também foram apreendidas as formas de ser desses TEs no lugar que os situa na divisão social e de gênero do trabalho, nas cadeias mais precarizadas do trabalho formal e informal. Esse condicionante, que marca os percursos

dos sujeitos da EJA, é imposto nas diversas formas de trabalho precoce, que em muitos casos agregam o trabalho familiar imposto pelas necessidades de subsistência.

Esse caminhar nos impõe a necessidade de superar a visão do trabalhador-estudante genérico e compreendê-lo na concretude de suas formas de viver e sobreviver. Desse movimento, a condição de classe aparece como identitária dos coletivos da EJA, isto resulta da centralidade do trabalho em detrimento de outras esferas sociais.

Dessas significações também apreendemos as marcas sociais como gênese identitária dos sujeitos da EJA. Aqui situamos a marca do trabalho como a mais importante significação do viver e sobreviver desses coletivos. Na dinâmica do processo investigativo, emergiram também outras significações que constituem sentidos para os TEs e apontam outras direções.

Se as atribuições de sentidos sobre o trabalho são alienantes, subjetivadas como sobrevivência, necessidade, precisão, sofrimento e desrealização, há também nos relatos lampejos de alguma autorrealização. Esses são significados nos padrões da sociabilidade capitalista, mas entendemos, a partir da trajetória do viver e sobreviver dos TEs, como formas de existir e resistir.

Buscamos trazer para a nossa discussão um contraponto à perspectiva alienante do trabalho na própria contradição que a forma de produção da vida enseja, ressaltando as experiências e saberes do trabalho como conhecimentos que formam os indivíduos e dão sentido às suas vidas. Compreender essas contradições foi importante e sinaliza a necessidade de refletir sobre uma outra formação voltada para os TEs, enquanto processo de transição para outra sociabilidade, que nega a perspectiva unilateral, cindida em classes, que aliena e deforma o indivíduo a partir de relações assimétricas.

A presente pesquisa não englobou as perspectivas de trabalho e de formação para trabalhadores nos currículos de formação da EJA, que incidem diretamente nas significações transmitidas nas práticas pedagógicas em sala de aula. Consideramos válido o aprofundamento da temática, que precisa ser considerada em pesquisas futuras.

Consideramos os resultados obtidos nesta pesquisa um importante passo para a discussão e reflexão sobre a forma como os TEs da EJA atribuem sentidos aos seus trabalhos. No entanto, é fundamental o aprofundamento da temática no campo das aprendizagens, nas práticas pedagógicas em sala de aula, pois a partir desta são repassadas as significações que formam/deformam a pluralidade de sujeitos que buscam a Educação de Jovens, Adultos e Idosos.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

ARROYO, Miguel. **Currículo, território em disputa**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ARROYO, Miguel. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito à vida justa. Petrópolis: Vozes, 2017.

ARROYO, Miguel. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens-adultos populares? **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, v. 1, n. 0, p. 1-108, ago. 2007.

BARATO, Jarbas Novelino. Conhecimento, trabalho e obra: uma proposta metodológica para a educação profissional. **Boletim Técnico do Senac**: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, set./dez. 2008. Disponível em: <https://www.bts.senac.br/bts/article/view/262>. Acesso em: 12 nov.2022.

COSTA, Cláudia Borges. **Trabalho nas cadeias de produção global trajetória educativo-laboral de trabalhadoras em confecções de Goiânia – GO**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UNB, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/19423>. Acesso em: 16 nov. 2022.

FREITAS, Maria Tereza de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 21-39, julho/ 2002.

GOETTERT, Jones Dari. Aos “Vadios”, o trabalho: considerações sobre o trabalho e a vadiagem no Brasil. **Revista Formação**, Edição Especial, n. 13, v. 2, 2002. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/628/642>. Acesso em: 16 nov. 2022.

IANNI, Otávio. **Dialética e capitalismo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1988. Disponível em: <https://marxismo21.org/octavio-ianni/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

LEONTIEV, Aleksei Nikoláievitch (1903-1979). **Atividade. Consciência. Personalidade**. Tradução de Priscila Marques. Bauru, SP: Mireveja, 2021.

RUMMERT, Sonia Maria; ALGEBAILLE, Eveline; VENTURA, Jaqueline. Educação da classe trabalhadora brasileira: expressão do desenvolvimento desigual e combinado. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 54, jul/set. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/7mWLQpZwNVfML7wyt6zjQ6R/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 16 nov. 2022.

VENTURA, Jaqueline P. Educação, socioeducação e escolarização. In: MENDES, Claudia Lúcia; JULIÃO, Elionaldo; VERGÍLIO, Soraya (Org.). **A relação entre os sentidos do trabalho e a Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores**. Rio de Janeiro: Degase, 2017.

Data da submissão: 03/02/2023

Data da aprovação: 12/06/2024